

SESSÕES DO PLENÁRIO

49ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 5 de setembro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Declaro aberta a presente sessão especial para a outorga da Comenda Dois de Julho ao cantor, compositor e letrista Mateus Aleluia, nos termos da Resolução nº 1.884/18, proposta pelo deputado Marcelino Galo.

Convido as seguintes personalidades para compor a Mesa: Sr.^a Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, que neste ato representa o governador Rui Costa; nossa querida ex-senadora e agora deputada federal, Lídice da Mata; Sr.^a Defensora Pública Cynara Fernandes, representando o defensor público-geral, Rafson Saraiva Ximenes; Sr. Diretor-Geral do Irdeb, Flávio Gonçalves; Sr. Representante da Nação Angola, do Terreiro Mokambo, tata Anselmo; Sr. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, amigo do homenageado, Clóvis Caribé. (Palmas)

E agora peço ao Cerimonial para acompanhar o nosso homenageado, o cantor, compositor e letrista Mateus Aleluia. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao plenário.)

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. MARCELINO GALO LULA: É uma honra recebê-los aqui nesta Casa para prestarmos uma grande homenagem a uma das maiores personalidades deste estado, o nosso querido intelectual, pensador e compositor Mateus Aleluia, pessoa que expressa a vida, a realidade, a cultura do nosso povo.

Boa tarde a toda gente que gosta de música. Boa tarde, gente que gosta de gente. Boa tarde, gente que gosta de música: *“Meu pai veio da Aruanda e nossa mãe é Iansã / Ô, gira, deixa a gira girar”*.

Gostaria de cumprimentar a nossa Mesa e as autoridades que estão aqui para participar desta homenagem, começando pela nossa secretária Fabya Reis, neste ato representando o governador Rui Costa. Conheci Fabya, que hoje é secretária de Estado, nos acampamentos dos sem-terra quando ela era adolescente. É muito bom tê-la aqui, Fabya, e é muito bom ter gente do povo ocupando posição importante dentro do governo que ora gere o nosso estado.

Cumprimento a nossa querida ex-senadora, hoje deputada federal, Lídice da Mata; a nossa querida defensora pública Cynara Fernandes, sempre presente, aqui representando o defensor público-geral; o nosso diretor-geral do Irdeb, Flávio

Gonçalves, que faz um excelente trabalho – ele me falou há pouco, todo contente, que está articulando a Rede Pública de Televisão para o Consórcio Nordeste. É muito importante essa luta contra a hegemonia da comunicação, e isso o meu companheiro Flávio Gonçalves sabe fazer muito bem.

Também cumprimento o nosso representante da Nação Angola, do Terreiro Mokambo, tata Anselmo. E saúdo Clóvis Caribé, o amigo de Mateus Aleluia que ele fez questão de botar aqui na Mesa. Mas não é somente amigo do homenageado, não, é meu colega desde o 4º ano primário, ali no Colégio Hildete Lomanto. Como lá eu o conhecia por “Coió”, agora deu um trabalho danado para saber quem era Clóvis Caribé. (Risos)

O pessoal do gabinete correndo: “Quem é esse Clóvis Caribé?” Eu disse: “É ‘Coió’”. Mas, como agora ele é doutor, a gente não pode mais chamar de Coió, tem de chamar Dr. Clóvis Caribé.

Pois bem, a luta política é muito dura, mas, por outro, também nos dá a oportunidade de ter momentos como este. É um privilégio! Queria agradecer a Mateus Aleluia por me proporcionar a possibilidade de ter feito a indicação desta Comenda Dois de Julho, que esta Casa aprovou por unanimidade. É uma felicidade muito grande, é um privilégio poder entregar esta comenda a Mateus Aleluia. (Palmas)

(Lê) “A Bahia ganha um novo comendador, e mais baiano ainda por ser de Cachoeira (*Cachoeira / Foi de Luanda que entendi sua realidade / Olhem pra mim, sou de Cachoeira / Penso, falo, canto e sou sua liberdade*).

Filho de ‘Seo’ Aleluia e de D. Titinha, nasceu no início da primavera de 1943, bem no dia 21 de setembro. Nasceu recuado, pois teve que esperar a vinda dos irmãos Eunice, Antônio, Nilza, Raimunda, Luiza, Artur e Noêmia e, enfim, o nosso comendador, Mateus. Crescido, mas ainda recuado, adorava brincar de índio, faroeste e de Pai José, Pai João. Comendo o feijão com carne e farinha de D. Titinha e os tucunarés do Rio Paraguaçu, brincando de teatro com a família e com os amigos, o recuado vai moldando o seu caráter e tomando pertencimento da cultura do seu povo. Aprendendo a liberar a música dentro dele com as professoras Maria Luiza, D. Estela Fróes Marques Lobo, Zezé Magalhães, com o coral da igreja, e com o professor Diógenes.

Tinha uma convicção de que ‘Antes de tudo, houve a música. O verbo só veio com o homem. Antes do mundo ser criado, tudo isso era uma grande sinfonia: os mares, os rios, os ventos, as chamas. O vento soprando é música. Só depois apareceu o homem, viu essa beleza toda e teve necessidade de dizer pro outro como ele estava se sentindo. Aí é que veio o verbo.’”

Pensando assim, depois do afastamento de um dos membros de um conjunto cachoeirense chamado Tincoãs, um dos nomes do pássaro conhecido como alma de gato, passa a integrar esse trio junto com Dadinho e Heraldo. Dadinho, dono de um bar em Cachoeira, e Heraldo, o capitalista, por ser filho do dono de padaria.

Mateus prepara-se para ser professor. Forma-se pedagogo e exerce a profissão.

Naqueles tempos não dava para viver de música: tinha que gostar, se dedicar, mas arranjar o sustento em outras atividades.

Foi justamente com a entrada de Aleluia no grupo, em 1963, no lugar de Erivaldo, que a herança da ancestralidade africana passou a tomar conta do repertório. Ao construir uma identidade única na música brasileira, o grupo foi gravado por João Gilberto e Thalma de Freitas.

Anteriormente o grupo gravou o que na época chamava-se compact disc, com adocicados boleros.

Mas Cachoeira não era bolero, a Bahia não era bolero, e pensando assim mergulharam no universo cachoeirense e foram atrás de cantar sua terra, sua gente e sua cultura.

Em 1973, como tudo que nasce no Norte, foi o Trio Tingoãs para o Rio de Janeiro. Depois de vários recuos, conseguiram uma gravadora e assim o canto africano baiano se esparrama pela Odeon. A Odeon mergulhou inadvertidamente na religiosidade negra do primeiro Os Tingoãs, levada pelo produtor Adelzon Alves, que à mesma época conduzia a guinada vitoriosa da mineira Clara Nunes – que se apresentara como cantora romântica e juvenil – rumo ao samba e ao culto aos orixás afrobrasileiros.

Parece que não era bem isso o que a gravadora queria, pois os outros discos já foram gravados pela RCA.

O Brasil sabia o que era o canto africano, o canto dos candomblés. *‘E quando o amor me manda, pronto, eu sigo e vou. Vou de caravela, de carro de boi, de teco-teco, mas vou seguindo o amor’*.

Assim Mateus e Dadinho, em 1983, rumam para Angola, que tinha se tornado independente e foi governada pelo médico angolano Agostinho Neto (1922-1979), que se tornou o primeiro presidente de Angola, em 1975. Os versos iniciais do poema Confiança, do médico/poeta, funcionam para Aleluia como síntese: (Lê) *“(...) oceano separou-me de mim/ enquanto me fui esquecendo nos séculos/ e eis-me presente/ reunindo em mim o espaço/ condensando o tempo’*, Mateus Aleluia. (Palmas)

Saindo da Bahia da América para a Bahia da África, em 1983. Foi cantar com seu amigo Dadinho. Acompanhando Martinho da Vila. Dadinho foi chamado por Naná, em 2000, e Mateus por lá se casou com Dona Rosa Antônia, de cujo amor lhe deu a Fabiana, e foi nomeado investigador cultural do Departamento Cultural do Governo de Angola.

‘E quando o amor me manda, pronto, eu sigo e vou. Vou de caravela, de carro de boi, de teco-teco, mas vou seguindo o amor’.

Em 2002, ano da primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência do Brasil, Seu Mateus voltou para a casa natal depois de 20 anos morando em Angola, período em que ficou em parte esquecido por aqui o trabalho mitológico do trio Os Tingoãs.

Volta totalmente recuado. Na capoeira, o recuar não é para fugir, é para atacar.

Lula assume em 2003, Mateus começa as filmagens do Milagre do Candeal, que é lançado em 2004.

‘Numa corda bamba, você tem que andar ou pra frente ou pra trás. Se fica parado, você cai’.

A música, desde os tempos dos Tincoãs, era fruto de muito pesquisa. E assim o canto grave de Seu Mateus, também professor e pedagogo, seguiu o pulso de aquietar e explodir, até que virasse o corpulento álbum individual Cinco Sentidos.

Ali há ainda o candomblé e os orixás – *Ogum Pa, Lamento das Águas/ Na Beira do Mar*; agora mais harmonizados com africanidade e ancestralidade – *Koumba Tam, Quem Guiou a Cega*; com filosofia – *A Lente do Homem, Homem! O Animal Que Fala*; com luta por liberdade, igualdade e fraternidade – *Despreconceitosamente, Liberdade*; com memória – outra vez *Cordeiro de Nanã*, dele e de Dadinho, gravada pelos Tincoãs em 1977 e reinterpretada em trio pelos conterrâneos João Gilberto, Gilberto Gil e Caetano Veloso, no álbum Brasil, de 1981.

Violeta Parra, Pablo Neruda, Martin Luther King, Zumbi e Abraham Lincoln lhe serviram de guia e inspiração.

Quando o preconceito se manifesta contra ele, ele, ele liga a seta à esquerda, sempre, como todo recuado deveria fazer e solta: *‘Você tem que ter coragem pra ultrapassar, e saber que o idiota é o outro’.*”

Infelizmente, nós temos, hoje, um mais do que idiota. E nós vamos seguir em frente, governando. (Palmas)

(Lê) “Assim, agora, o nosso comendador Mateus Aleluia se torna um dos raríssimos recuados a receber essa honraria que dignificará a Comenda. Como Nanã, nossa mãe e avó, guardará a música e a memória do povo, pois vivenciou toda a magia da concepção do universo e de seu povo.

Agora temos que nos pronunciar, embora, com justa razão, o nosso comendador nos diga: *‘Na realidade, as nossas palavras não conseguem retratar o que a gente vê e pensa. Nós deveríamos nos entender calados’.*

Mas o homem é o que faz, não o que fala.

Não podendo silenciar, a música e a arte por nós falarão.

Viva Cachoeira! Viva Angola! Viva Luanda! Viva a música! Viva nossos orixás! Viva o comendador Mateus Aleluia.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora, convidamos para a mesa a Sr.^a Ialorixá do Terreiro de Bogum, Mãe Índia. (Palmas)

E, agora, eu vou conceder a palavra à nossa senadora, que agora é deputada federal, Lídice da Mata. (Palmas) Quebrando o protocolo, atendendo ao pedido, que para mim é uma ordem, da senadora.

A Sr.^a LÍDICE DA MATA: Boa tarde.

Participante da sessão: Boa tarde.

A Sr.^a LÍDICE DA MATA: Muito obrigada. (Risos) Boa tarde a todos os amigos, amigas que estão aqui, convidados para essa homenagem mais do que necessária, talvez tardia, da Bahia a esse grande cachoeirano, baiano, brasileiro, músico, que é Mateus Aleluia. (Palmas)

Se estamos todos aqui...

E não podia deixar de ser um deputado com o compromisso político, histórico, ideológico do deputado Marcelino Galo, que viesse a lhe fazer essa homenagem.

Quero saudar a nossa secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, nesse ato representando o governador Rui Costa; a Sr.^a Defensora Pública Cynara Fernandes, representando o Defensor-Geral Rafson; Sr. Representante da Nação Angola do Terreiro Mocambo, esse grande amigo, hoje cidadão baiano, porque recebeu desta Casa esta condecoração, que, quando deputada estadual, tive a honra de poder lhe ofertar, e por unanimidade da Casa recebeu, Tata Anselmo; meu querido diretor do Irdeb, prestando enorme serviço a essa instituição, lhe dando uma modernidade também muito grande, Flávio Gonçalves, o jovem Flávio; a Sr.^a Ialorixá do Terreiro de Bogum, Mãe Índia; Coió, que afinal de contas é assim conhecido por todos nós, também tive a oportunidade de ser sua colega no Central e na universidade, contemporâneo de muitas lutas, que junto com Ari integrava o Comitê da Anistia, na cadeia, visitando os presos políticos, fazia a sua militância, que servia de exemplo para todos nós e que está aqui hoje para homenagear Mateus, como todos nós.

E, finalmente, esse compositor, letrista Mateus Aleluia. Quero lhe saudar, Mateus, de maneira especial. Você sabe que eu estava em outra atividade, vim aqui para lhe dar um abraço. E Marcelino então disse: “Fique para o início, atrase um pouquinho a atividade lá e fale”. Portanto, vou falar muito rapidamente. Apenas para dizer que nesta homenagem de hoje há um encontro, um encontro da história.

É uma comenda que justamente é a Comenda Dois de Julho, que tem tudo a ver com a história do nosso Recôncavo, da nossa terra Cachoeira, que no dia 25 de junho abre as comemorações, a rememoração, as homenagens ao esforço heroico, patriótico dos negros, dos indígenas, dos brancos, se é que nesta terra existem brancos, dos portugueses, poucos, e, principalmente, dos brasileiros e baianos que desejavam construir uma pátria independente e que pegaram em armas para garantir que aquele grito dado em 7 de setembro pudesse ter algum sentido histórico real para o nosso povo.

E de Cachoeira partiu o Batalhão dos Periquitos, que veio depois, 1 ano depois, quase a se transformar nesse 2 de julho. E é, portanto, um filho de Cachoeira que recebe essa medalha de comendador hoje, a Comenda Dois de Julho, e que traz nessa comenda todo o significado dos seus antepassados e ancestrais para afirmar a identidade da Bahia.

E Mateus é uma pessoa que tem essa possibilidade de sintetizar a expressão dessa comenda e lhe dar um significado novo. A sua vida é a demonstração disso, a sua vida como compositor de raiz, pesquisador de sons, que tem um compromisso com um tipo de arte que tem uma dificuldade inicial – como todo homem, mulher, todo ser que utilizando uma linguagem artística se coloca numa posição de vanguarda –até ter o reconhecimento, mas que se torna, na verdade, um erudito na sua arte.

Mateus se diferencia de outros compositores justamente pela sua vida, porque foi até a África para poder viajar nas raízes do seu povo cachoeirano. Porque voltou de lá e pôde misturar essas experiências de identidades distantes territorialmente, mas tão próximas na sua vida, na sua identidade e, principalmente, na sua história. Portanto, o

seu talento como artista é capaz de nos representar a todos, porque, exatamente, ele significa tudo isso que nós somos. E nós só temos a agradecer a Mateus Aleluia.

Esta é uma homenagem de agradecimento a tudo que você é, a tudo o que você representa. Você representa, justamente, essa busca de uma arte que é uma arte de resistência, de afirmação de uma cultura africana, brasileira, de uma religião não aceita, em tese, pela maioria da sociedade não hegemônica, mas que você afirma a cada momento nas suas reverências musicais. E é um homem profundamente culto, humilde e puro. E é dessa pureza que você alimenta a sua música e a sua arte.

Portanto, a Bahia lhe agradece por sua contribuição à cultura. O Brasil lhe agradece, mas nós, baianos, em especial, e os cachoeiranos, em particular, se sentem orgulhosos de poder dizerem-se conterrâneos seus.

Portanto, eu quero deixar o meu abraço carinhoso de um afeto criado na convivência de momentos políticos e não políticos, mas, principalmente, na admiração do que você é para todos nós.

Quero trazer também, aqui, o abraço da deputada Fabíola Mansur, que não podendo estar aqui hoje, por uma outra tarefa, se sente na obrigação de também lhe dar esse abraço como representante do povo da nossa terra, da nossa cidade de Cachoeira. E dizer que conte comigo, que contem todos aqueles que pretendem sempre homenagear a música baiana e o seu caráter, a sua raiz, que é motivo e razão de orgulho para nós num tempo tão difícil de se afirmar a identidade cultural do nosso povo, de se afirmar a necessidade de combater os preconceitos, o racismo, de se afirmar a liberdade política que nós precisamos ter no Brasil.

E você é um estímulo à continuidade dessa luta. Portanto, o meu abraço e minha homenagem, Mateus. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agradecer à deputada federal Lídice da Mata.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora, nós vamos convidar Mãe Índia, que é ialorixá do Terreiro de Bogum, para que ela possa manifestar a sua homenagem também ao nosso Mateus Aleluia.

A Sr.^a MÃE ÍNDIA: Boa tarde a todos! A bença a todos!

Eu sou Anadogi do Terreiro do Zoogodô Bogum Malê Rundó. Estou aqui em nome da comunidade para fazer essa saudação ao Sr. Mateus Aleluia, que é uma grande figura dentro do candomblé, uma figura muito importante.

Sr. Mateus, em nome do proponente da sessão, deputado Marcelino Galo, e a todos os demais membros da Mesa.

Só tenho que agradecer e vou fazer um agradecimento para o senhor, para todos, um cântico pequenininho.

(Procede-se à apresentação musical.)

Estou agradecendo ao Sr. Mateus. (Palmas)

(Não foi revista pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora, eu vou passar a palavra para o amigo do homenageado, Clóvis Caribé, “Coió”, meu amigo.

O Sr. CLÓVIS CARIBÉ: Primeiro, boa tarde a todos e a todas.

Marcelino, quando começou a falar, esqueceu de um grande detalhe, nós, quando começamos a estudar, em 1964, no Colégio Hildete Lomanto, como o país é tão desigual e mudou tão pouco, fazíamos parte de um grupo de 40 alunos e só nós dois chegamos à universidade.

Esse é um dado marcante na minha vida e na vida dele. Era uma turma de 40 alunos no Colégio Hildete Lomanto, no Garcia. O colégio tinha acabado de ser inaugurado, junto com o Edgar Santos. Tínhamos 40 colegas na sala de aula... aliás, 38; com nós dois, 40. E somente eu e ele chegamos à universidade, dos 40. Este é um país muito perverso. Quando ele fala isso aqui eu fico... isso dói no coração, dói muito no coração, porque a gente não tem o que comemorar, não é?

Bom, eu fiquei surpreso com o convite da minha entidade, porque ele é uma entidade, Mateus é uma entidade que a gente não consegue mesmo... Fiquei muito surpreso e feliz. Mateus é daquelas pessoas que eu não tenho mais nada a acrescentar. Depois do que Lídice falou, depois de tudo que Marcelino falou, eu não tenho mais nada a falar, só saudar o meu companheiro, uma figura bonita como Mateus é, uma figura solidária, companheira, amiga, que a gente, às vezes, senta para conversar um bocado de besteira, que é a coisa mais bonita do mundo, e eu aprendo cada vez mais com ele.

A homenagem que Marcelino, como deputado, está fazendo aqui é nada mais nada menos do que um pouco... Marcelino consegue materializar a história da gente com essa homenagem. Provavelmente, ele não esperava que uma homenagem como esta materializasse também a minha história e a história dele nesse processo.

Marcelino consegue ser uma pessoa que nesses três mandatos que ele tem tido na Assembleia tem conseguido nos trazer situações extremamente agradáveis para a história política da gente. Primeiro, porque ele tem lado, e a pessoa quando tem lado a gente fica feliz, e ao ter lado ele faz coisas como essa que ele fez aqui com Mateus Aleluia que deixa a gente feliz, porque Mateus representa muito e muita coisa para todos nós aqui.

Quando eu vejo a plateia que está aqui, vejo Ari, vejo Beto, vejo Manuca, vejo Bete, vejo algumas pessoas, assim, da história de vida da gente. E vejo Mateus, que passou um tempo fora e, aí, retorna e se transforma numa figura, um comendador com a gente. Marcelino, pela percepção política dele, deve ter a dimensão do quanto foi grande a atitude dele e do quanto foi significativo para a gente esse presente e essa homenagem a Mateus.

E, é interessante, eu brinco com Mateus dizendo o seguinte, só os nossos santos sabem o quanto ele é importante. E eu acho que ele é muito importante, mesmo, para os nossos santos e para todos nós.

Então, parabéns Mateus! E, Marcelino, eu fico muito grato a você pelo presente que você está dando para a história desta cidade, está dando para a história da gente, para o conjunto de pessoas, e o quanto você significa para a gente fazendo isso.

Muito obrigado.

E parabéns a Mateus, e boa sorte, meu novo comendador!

Agora, eu não sei como é que eu vou tomar vinho com você, tomar cachaça. Você é comendador e eu tenho que pedir licença. E não posso mais estar chamando você a toda hora para fazer um bocado de besteira e sair pela rua, porque você é um comendador e eu tenho que ter cuidado sobre como eu lido com um comendador.

Numa Bahia tão desigual como essa, vai dizer que você é amigo de um comendador? Eu vou dizer: sou! E sou muito amigo mesmo!

Parabéns, Mateus! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado ao professor Clóvis Caribé!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora, nós vamos passar a palavra, também para fazer uma saudação, aqui, ao nosso Mateus, ao nosso Flávio Gonçalves, diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia - Irdeb.

O Sr. FLÁVIO GONÇALVES: Bom, boa tarde a todas e todos.

Parabenizar Marcelino pela iniciativa, e a Assembleia por ter aprovado essa comenda. Dizer que eu me considero um privilegiado por ter-me mudado para a Bahia, por trabalhar na *TVE*, na *Rádio Educadora FM* e por ter tido uma experiência, em alguns momentos, ao lado ou à frente, assistindo, escutando ou conversando com Mateus Aleluia. Eu concordo – se me permite, Coió, posso te chamar assim? –, é... concordo com você, ele, de fato, é uma entidade, pelo menos eu o vejo desse jeito, imagino que os orixás também, e pelo menos nós dois também, não é, Coió? Concordo plenamente com você.

Quando escuto na *Rádio Educadora FM* ou quando assisto na *TVE* ao Mateus Aleluia, e quando imagino que outras pessoas estão tendo a oportunidade também de ter contato, mesmo que à distância, pela rádio, pela televisão ou pela internet, com essa obra, com essa figura, com esse cidadão, com esse ser humano, é aí que eu vejo a importância de termos uma TV pública, uma rádio pública, como a *TVE* e como a *Rádio Educadora*, que se dedicam e cumprem esse papel de mostrar o que, de fato, é a Bahia, o que, de fato, é o Brasil, a origem da Bahia, a origem do povo da Bahia, e fazer jus ao investimento que a sociedade faz, porque nós, enquanto TV pública, rádio pública, somos da sociedade.

Em 2016, quando cheguei aqui, nós assumimos o compromisso de sermos a... o que é um compromisso muito audacioso e ousado, mas acho que é uma obrigação da

TVE e da *Rádio Educadora*, secretária Fabya, sermos as emissoras da Década Internacional de Afrodescendentes. Então a única emissora, neste estado negro, que pode dizer que assumiu esse compromisso de ser a emissora da Década Internacional de Afrodescendentes é a televisão... é a *TVE*, é a *Rádio Educadora*. E é isso que precisa se materializar nos conteúdos que nós exibimos.

Nós ficamos ainda mais felizes porque estive recentemente... Assim que voltei, me encontrei com o Sr. Mateus Aleluia porque estive em Angola neste ano, e estamos construindo uma parceria com a televisão pública de Angola, com a *Rádio Nacional de Angola*, para fazer com que Angola seja vista aqui, para fazer com que a Bahia seja vista em Angola. E espero, em breve, Dr. Mateus Aleluia, comendador Mateus Aleluia, que os baianos possam assistir ao que o senhor, ao longo de 20 anos, pôde escutar e assistir em Angola, e que os angolanos, os irmãos angolanos que agora estão lá, possam também escutar e assistir um pouco da Bahia, permitindo essa troca, permitindo que possamos reparar tantos anos de distância, tantos anos de exploração e tantos anos de desigualdade que vivemos nessa história entre o Brasil, entre a Bahia e a África.

Em breve também esperamos exibir na *TVE* um documentário que está sendo produzido, ou está quase pronto, que conta a história de Mateus Aleluia (palmas) e usa algumas imagens do acervo que a *TVE* tem, que eu digo que é um grande patrimônio da Bahia, porque daqui a 100 anos, daqui a 200 anos, ou daqui a 1.000 anos, quando forem contar a história de alguém importante, como é Mateus Aleluia, não tenho a menor dúvida de que é o acervo da *TVE* que vai ser utilizado para contar essa história.

Então, todos os dias, quando nós produzimos conteúdos que mostram a história da Bahia, que mostram o presente da Bahia, que mostram Mateus Aleluia, são esses conteúdos que vão ajudar a contar nossa história.

Gostaria já de convidar vocês para escutar a *Rádio Educadora*, para escutar Mateus Aleluia, assistir à *TVE* para assistir a Mateus Aleluia e para, em breve, quem sabe ainda em novembro, estar presente também no lançamento desse novo documentário que foi produzido não pela *TVE*, mas com apoio da *TVE*, e que vamos exibir e fazer circular. E se for de interesse também dos realizadores, fazer com que o povo de Angola, através da *TV Pública de Angola*, possa assistir a esse documentário que vamos ter o privilégio de assistir aqui na Bahia.

Só posso agradecer as palavras e o convívio com o senhor, realmente muito obrigado, Mateus Aleluia. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Obrigado, Flávio Gonçalves, e diga lá em Angola que você também é amigo de Mateus Aleluia.

Aqui tem uma mensagem da deputada Olívia Santana, que eu tenho a obrigação de ler, ela fala: (Lê) “*Mateus Aleluia é o senhor da voz que penetra os tímpanos e embala os corações das multidões em todos os quadrantes da nossa instigante Bahia. Do povo da periferia, terreiros, quilombos, hortos, prédios e imóveis suntuosos das cidades se ouvem, dormem e curtem o som gostoso de Aleluia, o bom e suave Mateus.*” Então, Olívia Santana.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Agora nós vamos ouvir a representante do governador Rui Costa, que é a nossa secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis.

A Sr.ª FABYA REIS: Boa tarde a todas as pessoas.

Dizer da nossa emoção, da nossa alegria. O governador, quando nos designa para estar aqui hoje – o deputado também nos convidou –, é daquelas tarefas que a gente agradece. Quero saudar, aqui, o nosso deputado Marcelino Galo, dizer, Marcelino, que V. Ex.ª proporciona nesta tarde de tempos tão difíceis, em que nós começamos a semana com imagens tão grotescas que remetem ao chicoteamento de um jovem negro e que arrebatam nossa alma com profunda tristeza... Hoje nós assistimos, cada vez mais, a mensagem de ódio, mensagem de intolerância, mensagens sexistas e racistas. Propagaram e encobriram nosso país de muitas, de muitas, incertezas e, seguramente, de muita indignação de todos e de todas aqui. Portanto, a sua iniciativa de, neste momento, nos convidar para celebrar a afetividade, para celebrar a potência da resistência negra traduzida nesse encontro ancestral da história do Sr. Mateus Aleluia... O senhor nos fortalece porque esse é um evento que também celebra a resistência e a história afro-brasileira. Então, parabéns, deputado Marcelino Galo. (Palmas)

Quero saudar os meus colegas e essa Mesa honrosa, e quero pedir a bênção a tata Anselmo, quero pedir a bênção à mãe Índia, saudando, aqui, a nossa ancestralidade porque essa sala hoje, esse plenário especial, tem seguramente todas as entidades celebrando essa grande homenagem, homenagem do candomblé, homenagem das religiões afro-brasileiras, que vêm aqui com essa proposta de trazer o nosso comendador Mateus Aleluia.

Quero saudar a nossa representante do Dr. Rafson, Cynara Fernandes, que representa aqui a Defensoria Pública, uma parceira estratégica e que conosco, junto com a Secretaria de Igualdade Racial, trabalha no combate à intolerância religiosa, que tem infelizmente como alvo preferencial as religiões de matriz africana.

Um abraço ao Dr. Rafson Ximenes, nosso parceiro, nosso aliado.

Quero aqui saudar o nosso diretor Flávio Gonçalves. Sim, a *TVE* é a TV da Década Internacional de Afrodescendentes, essa TV que revolucionou para que a gente possa se ver, Flávio, o seu trabalho tem sido um diferencial porque faltam para a gente representatividades, falta para a gente o espaço para que o nosso povo possa demonstrar toda essa potência criativa, que é o povo baiano, que é o povo brasileiro, maioria da população negra neste país. A *TVE* tem cumprido, assim como a *Rádio Educadora*, esse papel de levar os nossos artistas, nossas vozes, as nossas experiências, o que fortalece a nossa democracia.

Obrigada, e estamos juntos nessa caminhada. Vamos seguramente trazer o Novembro Negro potente em 2019.

Quero aqui abraçar o meu amigo Coió, Clóvis Caribé. É difícil, é difícil. É, Coió. Nossa referência é um homem de esquerda, um homem de princípios, e a gente se orgulha de caminhar juntos.

Nessa Mesa honrosa, eu quero ainda estender e deixar um abraço à representação da família, à esposa, dona Rosa Antônia, um abraço, porque eu sei que os nossos

familiares, todos vocês familiares hoje aqui... os nossos corações pulsam forte quando um dos nossos é reconhecido... (palmas) E a gente que caminha ao lado sabe o quanto de abnegação, o quanto de renúncia, o quanto da hora foi passada para que essa história, para que todo esse patrimônio fosse erguido com muita dedicação, com muito vigor, com muita inteligência.

A nossa deputada federal que saiu aqui já fez a referência do pedagogo, da disciplina, de como o seu foco, Sr. Mateus, ele é inspirador. Nós não compartilhamos, eu não tive a honra e a alegria de Coió, eu não tive a honra de vários dos seus amigos, de compartilhar com o senhor tardes e noites, mas quero aqui, de público, revelar que o senhor é uma companhia matinal. O senhor também é a companhia das noites, porque a sua música, ela entra, de fato, para esse relaxamento e para ativar esse princípio de resistência e de alegria da nossa alma.

Nesta tarde de hoje, o seu legado, todo o seu patrimônio serve para a gente, e por isso quero cumprimentá-lo como essa personalidade, por isso é, sim, uma entidade, uma entidade inspiradora para os nossos jovens, poucos deles veem comendadores.

Nesta Casa, eu me arrisco e desafio a dizer que poucas pessoas negras foram homenageadas. Então hoje não é uma tarde qualquer, não é Rebeca? Hoje é uma tarde histórica porque nós estamos celebrando uma fonte de inspiração para a gente, que nós gostaríamos sempre de ter aqui ao lado, mas a sua música, a sua pedagogia, ela chega em todos os baianos, ela chega no povo brasileiro. É por isso que essa comenda tem um processo pedagógico importante para esta Casa, para a nossa Bahia e que os filhos de Cachoeira, seguramente, hoje, celebram, os atabaques baterão mais fortes, não é, ogan Leonardo?

Então, eu quero dizer, Mateus Aleluia, que eu fico extremamente honrada e feliz do governador Rui Costa ter me designado para deixar esse abraço e um muito obrigado do povo da Bahia à sua história e ao legado que o senhor nos deixa, mas, sobretudo, a inspiração e a potência que o senhor passa para que possamos superar essa onda de ódio com muito amor e sermos subversivamente amorosos na nossa mensagem da luta antirracista.

Portanto, aleluia à Mateus! Axé ao nosso comendador Mateus Aleluia. (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado à secretária Fabya Reis, que neste ano representou o governador Rui Costa.

Agora nós vamos ouvir a apresentação da Filarmônica Minerva.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Quero agradecer à Filarmônica Minerva. Obrigado, maestro, obrigado a todos da Filarmônica. Nessa Filarmônica o avô de Mateus Aleluia tocou, o pai de Mateus Aleluia também tocou e o tio. O pai Duda disse que Mateus Aleluia é a ancestralidade viva, é o passado, é o presente e aponta para o futuro, e é mesmo.

Agora, eu convido aqui a família, começando pela esposa do homenageado, Dona Rosa Antonia e seus filhos, Marcos e Mateus, para, em nome do Poder

Legislativo da Bahia, fazemos a entrega da Comenda Dois de julho ao cantor, compositor e letrista Mateus Aleluia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Agora, nós vamos passar um presente que é do mandato. Essas meninas enlouqueceram nesses últimos 15 dias, organizando esta festa, Daniela, Ana Torquato. Então, aqui é um presente em nome de todo o mandato ao comendador da Bahia. (Palmas)

(O Sr. Mateus Aleluia recebe o presente das mãos do presidente Marcelino Galo Lula.)

(Pausa)

Tenho a satisfação, a honra, agora, de passar a palavra para o nosso comendador Mateus Aleluia.

O Sr. MATEUS ALELUIA: Eu estou meio intimidado, porque, na realidade, eu não sei como é que um comendador fala. (Risos) Vocês hão de convir que é uma experiência totalmente nova. Imposto a voz, não imposto, como é que eu faço?

Eu quero, primeiramente, agradecer a toda a Mesa, principalmente ao nosso camarada, companheiro, deputado Marcelino Galo, mentor de toda essa iniciativa. Quero agradecer ao Tata Anselmo; à Iyalode Índia; à nossa representante da Defensoria Pública Sinara; ao nosso diretor Flávio; à nossa secretária Fabya; ao meu, nosso amigo Coió, amigo-irmão.

Agradecer a todos vocês aqui presentes, à minha família, representada, neste momento, por Raimunda, minha irmã mais velha aqui presente; pelo meu filho mais velho, primogênito, Mateus Aleluia; por Marcos, meu filho nascido em Cachoeira, igual a mim; por Tânia, minha sobrinha; Railda; minha sobrinha Luiza Mahin; minha sobrinha Raiana; pelo meu grande irmão Ubiratan Marques, que de tanto chamar Bira fica complicado. (Palmas)

Eu falo, assim, que essas são presenças que me fortificam. Depois vou começar a agradecer a mais gente aqui presente, mas agora me lembrei por que estou falando disso. Porque, realmente, essa é uma homenagem que me pegou de surpresa, não hoje, mas quando eu tomei conhecimento de que seria comendador. Tomei conhecimento de que estaria comendo a dor. (Risos) A nossa língua é interessantíssima, não é, Manu? Eu iria ter essa honra. É uma honra que, neste momento, eu digo assim: puxa, me lembrei de Michelle Obama. Não sei se foi num livro, num comentário que ela disse que nós temos aquela coisa da impostura conosco, nós não acreditamos que nós merecemos aquilo que nos dão. Nós não fomos educados para receber a não ser maus-tratos. Nós não fomos educados para usufruir o bom que essa vida tem. Não é que a vida só tenha coisas boas para as pessoas que a gente acha que estão bem. Porque a vida, na realidade, é composta de coisas boas e coisas más, positivo e negativo. A vida é física.

Isso realmente é uma realidade. Mas nós, expansão humana da África aqui no Brasil, somos da expansão humana que atravessamos esse mar de sal. Eu costumo dizer esse rio de sal, essa coisa doce que o sal existe só para dar gosto à comida.

Nós, como expansão humana d'África, ao aportarmos aqui, não viemos como adidos culturais, não chegamos aqui como sacerdotes, não chegamos aqui como comerciantes, como diplomatas, não; não chegamos aqui com a respeitabilidade que cada ser humano deveria ter, viesse de onde viesse. Não, chegamos aqui como escravos. Não que fôssemos escravos lá, mas chegamos aqui, como dizia muito bem a Makota Valdina, nós somos um povo escravizado, nos escravizaram. É possível que também, lá, fôssemos escravizados pelos nossos próprios irmãos, não irmãos de etnia, porque a África, apesar de negra, tem várias etnias. Precisamos nos aproximar mais d'África para a gente entender África. Não falar d'África como a gente fala aqui como se fosse o fundo do nosso quintal. África é aquele continente imenso, com 54 países agora. Há pouco tempo eram somente 53; depois que o Sudão se bifurcou, agora são 54, algumas ilhas, alguns territórios.

Mas aqui nós falamos como se África fosse apenas o fundo do nosso quintal. Você veio d'África? Não, eu vim de Angola, e Angola também é grande. É um estado africano com nove etnias principais, e cada etnia tem uma língua principal chamada a língua nacional, e tem outras sublínguas ou línguas comoditas, que elas se compõem com outras línguas também, já se tornam outras línguas. Então, ela é de uma pluralidade muito grande, que para você poder conhecer realmente a África, você tem que estar dentro d'África, você tem que viver aquelas idiossincrasias, do contrário vai ser complicado entender.

Mas posto aqui no Brasil, eu entendi um pouco porque aqui nós falamos da África com essa proximidade, com essa intimidade sem a conhecer, eu entendi um pouquinho, não entendi muito. Porque, na realidade, nós somos um povo que vivemos pela fé. Nós não vivemos fincados nas circunstâncias, nós olhamos para um objetivo, é como se mirássemos o que não estamos vendo, mas sabemos que existe. E como nós fazemos parte disso, não sabemos por que nós fazemos parte, mas sabemos que somos parte disso.

Então, a gente acredita que já temos aquilo do qual a gente não tem ainda. Neste momento, eu estou aqui vivendo pela fé dos meus antepassados dos antepassados, que sonharam que um dia eu estaria aqui, mesmo sem eu, Mateus Aleluia, acreditar que um dia estaria aqui recebendo essa homenagem. Mas esse meu antepassado, há 500 anos, sonhou com isso, e neste momento aqui ele está, eles estão. (Palmas)

O Egungum é uma realidade, e todos nós vivemos essa situação. A gente se bifurca do ponto de vista metapsíquico, metafísico. Eu sou um tataravô, assim como neste momento me projeto no meu tatará dos tataranetos, que quando ele alcançar algo que hoje em dia eu enxergo aqui, mas não tenho, quando ele pegar esse algo, daqui a 200, 300 anos, eu aí estarei, um Egungun é uma realidade. Não sabemos quem já passou ou quem ainda aqui está, sabemos apenas que é um fenômeno, como o raio, vem e vai.

É por isso que eu estou citando todas essas pessoas, desculpe que eu vou e volto muito rápido, como um filme no tempo, para falar que eu não estaria aqui como Mateus Aleluia, hoje, se não fosse tudo que eu, como Mateus Aleluia, desde quando aqui cheguei neste mundo nosso, vivi. E antes de eu chegar aqui, eu vi, certamente, e saberia que isso iria se passar, mas ao nascer, logicamente, me esqueci de tudo, não sei. Talvez, porque quando nasci todo mundo sorria para me receber e eu chorava, como toda

criança é assim. A criança nasce chorando e todo mundo a recebe sorrindo. Não sei se o sorriso das pessoas ofusca, realmente, o cromossomo, a memória e faz com que a criança esqueça tudo o que ela veio fazer. Como quem diz: estão sorrindo por quê? Eu vim aqui passar por uma dificuldade danada; eu vim aqui ficar inadimplente; eu vim aqui ser um recuado, e está todo mundo rindo; eu vim aqui ser um indigente; eu vim aqui ser um perseguido político, e todos riem.

Não sei se, ainda, naquela lucidez de quem viu o que ela iria enfrentar, quando todo mundo ria, ela se assusta dizendo: É mentira, esse povo não pode ser tão mau assim que está rindo da minha futura, sei lá...

Pensando nisso eu me lembrei de uma passagem, pronto, que está na Bíblia, porque eu digo que a Bíblia é mais um livro nosso, africano, do que um livro mesmo... Pronto, que tudo vem da África até hoje. Então, lógico que tudo o que existe, seja quem for o autor ou dito autor, primeiramente houve África. Antropologicamente até hoje não se descobriu um fóssil humano, o mais antigo que vai aparecendo, que tenha nascido fora da África, que eu tenha conhecimento pode ser que... Eu não ando acompanhando isso de perto, que eu não sou nenhum antropólogo. Mas todos nasceram lá, então, se todos nasceram lá, até hoje não fuge disso. Uma hora é no Chade, outra hora é na África do Sul, outra hora na Etiópia, outra hora no Sudão, agora é naquele país árabe, como é o nome dele, meu Deus, que tem a Casa Blanca, Marrocos, e a gente vem acompanhando.

Então, se tudo partiu de lá, as migrações depois, forçadas pelo tempo, porque o homem tem moral, mas a natureza tem leis. A moral do homem leva o homem, pronto, a conceber conceitos que ele não entende. Ele fala da chuva com uma propriedade como se ele conhecesse. Ele sabe lá de onde é que se esconde a chuva? Porque ela vem e vai. Ele fala do vento com se ele nunca... Onde é o armazém do vento? E assim as coisas vão.

E é disso aí que eu digo. Eu não posso falar de mim, hoje, sem me reportar de onde eu venho. Eu venho de uma cidade onde eu nasci chamada Cachoeira, uma cidade ancestralizada, uma cidade de inclusão real, tenhamos essa percepção ou não, é uma cidade que ali, os primeiros habitantes dali, para nosso conhecimento, no nosso tempo, foram os índios, são os autóctones, os senhores e senhoras da terra. Depois vieram os portugueses, depois viemos nós, a expansão humana d'África. Quer dizer, é uma terra de inclusão.

Eu me recordo eu pequeno sendo embalado pelos toques do candomblé, e eu nem a candomblé ia de forma consciente. Mas Cachoeira toda batia candomblé: Ladeira da Cadeia, no Monte, Ricuada, Ladeira do Manuel Vitória, Tororó. Os candomblés todos e alguns na cidade. noite você ia dormir, não havia televisão, não havia nada, era aquele toque (o orador reproduz toques do Candomblé). Você está na cama, fosse do candomblé ou não, você se embalava, você começava a dançar (o orador reproduz toques do candomblé).

E assim nós fomos embalados a noite toda no candomblé. De manhã o sino da Igreja Católica nos acordava, nos mostrava outra realidade, dizia: o colono existe.

Vocês já se embalaram e agora está aqui (o orador reproduz o som do sino da igreja). Chegou então a conversão religiosa.

Um pouco mais tarde era o órgão da Igreja Católica que inundava a cidade com seus acordes. E assim nós tivemos essa conservatória espontânea. Todos nós, não foi somente eu, não foi somente Os Tincoãs que fomos embalados e formados dentro dessa conservatória, não; toda a Cachoeira. Lógico que uns aceitaram, outros tiveram uma certa resistência.

E é daí que nós nascemos, e eu não poderia nunca falar de mim hoje sem falar disso. Eu nunca poderia falar de Mateus Aleluia sem falar de Os Tincoãs. Essa comenda que hoje eu recebo, é pertença também de Os Tincoãs, é pertença também de Cachoeira, primeira. (Palmas) De Os Tincoãs pela sonoridade, pela música, porque foi ali musicalmente que eu parti para o mundo, de Cachoeira. Essa aqui é uma Comenda Dois de Julho, é a comenda da independência.

E como a nossa contrterrânea falou, nossa senadora Lídice da Mata, o grito da independência real começou em Cachoeira, em 25 de junho. É por isso que Cachoeira, todo 25 de junho, o governo simbolicamente é lá.

Essa comenda pertence a Cachoeira, essa comenda pertence a Os Tincoãs. Eu estou aqui somente como se fosse o porta-voz disso neste momento. Eu não poderia nunca deixar de citar que Os Tincoãs não começaram, pronto, cantando as músicas do candomblé, não! Os Tincoãs começaram cantando bolero: Erivaldo, Heraldo e Dadinho. E foi assim que me encantaram e que eu comecei a ensaiar com eles. Foi aí que um deles desistiu e eu entrei: Mateus Aleluia.

E daí, paulatinamente, nós fomos, pronto, ditados, ditados pela inspiração que fundamenta o nosso DNA, nós fomos mudando paulatinamente até realmente passarmos a cantar os cantos oriundos da África. Mas já há cantos miscigenados aqui no Brasil. Nós temos que reconhecer esse afro-barroquismo que nós vivemos e que nós somos culturalmente esse afro-barroco, até para poder justificar que o Barroco realmente, que é uma concha malformada, do ponto de vista de definição, e que o Barroco, barro, barro só lembra África, só lembra a nossa ancestralidade, lembra a nossa cor. É africana, é indígena. E quando a gente fala assim do Barroco, a gente vai se lembrar de Picasso. A gente sabe que Picasso ganhou todo esse nome por causa do Cubismo, e o Cubismo é africano, foi quem primeiro trouxe esses traços, e foi nele que Picasso se inspirou.

Então, eu não poderia deixar de falar nisso para poder falar que, realmente, eu me sinto honrado, agradecido por esta comenda, muito agradecido. Mas gostaria que vocês tivessem em conta que essa comenda, realmente, Mateus Aleluia recebe, mas que ela é uma pertença de Cachoeira e que ela é uma pertença, pronto, do trabalho de Os Tincoãs, que, mesmo hoje, Mateus Aleluia cantando solo, ele é extensão do canto de Os Tincoãs. É a evolução da espécie, nada apura e nada apara. Que trocadilho bonito, não é? Nada apura e nada apara. E nada parou, aqui estou eu, neste momento, agradecido a todos vocês.

Sabendo que a primeira vez quando eu vim da Angola, pronto, que me apresentei primeiramente no Seal, a convite do diretor do Seal na época, não me recordo quem. E

lá estavam os primeiros novos amigos, alguns velhos, mas não tão velhos porque eram crianças quando eu saí daqui, como Lu Cachoeira, Manuca, que foi quem primeiro me apresentou a Bira, o Gordo - Quem não se lembra de Bira, o Gordo? - nosso Bira, o Gordo, estava no Seal dessa época, mas que esse processo depois continuou com o menino que fez aquela tese sobre os caboclos, me esqueci o nome dele, e que me convidou para poder, realmente...

Orador não identificado: Jocélio!

O Sr. MATEUS ALELUIA: Como? Oba, Manuca está ali! Jocélio, exatamente. E nessa apresentação foi o despoletar de eu ficar, realmente, aqui no Brasil, porque da mesma maneira como eu fiquei em Angola, junto com Dadinho, e Dadinho ficou tão lá que de lá mesmo ele se despediu da gente e subiu, que nós fomos para os sete dias e ficamos lá 19 anos, quase 20 sem, praticamente, vir aqui. E eu vim para o Brasil para ficar somente dois meses, vim a trabalho e acabei também ficando aqui. Coisas da vida, não vamos definir muito nem especular.

Então, gostaria de agradecer a vocês, agradecer a esses meus amigos novos, como Manuca, como Zezinho, como o Pequeno Notável, Jorginho, como Beto Bulhões... Quem foi mais que nessa fase estava comigo? Moraes. Moraes foi incansável na minha chegada aqui, Antônio Moraes, isso no início. Agradecer a amigos como Danilo Barata, que já são novos amigos antigos, quer dizer, são jovens anciãos, toda juventude, mas toda juventude com uma vivência ancestral muito grande, ao ponto de estar em sintonia comigo, só pode ser um ancestral; amigos como Manu Lafer, que veio de São Paulo só para essa finalidade, hoje, meu parceiro que me apresentou a São Paulo. Hoje em dia eu posso dizer que tenho uma certa penetração em São Paulo, tudo começou com Manu em 2006 ou 2005, no disco Grandeza.

Orador não identificado: Foi em 2004.

O Sr. MATEUS ALELUIA: Exatamente, 2004.

São novos e velhos amigos, mas todos vindos de uma época remota. Isso para dizer que estou agradecido, agradecido à minha família toda; a minha irmã Raimunda, que está presente; minha irmã Luiza, que não está porque ela não tem condição de estar mais em reunião; meu irmão Artur, então, esse coitado. Pronto! Para vocês terem uma ideia, eu sou o caçula da família.

Meu amigo, Ari da Mata, quase que eu me esqueço de você também. Esqueci de mais alguém, gente? Bira; minha sobrinha Bebeca, que me dá força para saber que eu tenho que prosseguir na música, porque ela está encarregue pelo tempo de bebê. Isso que eu chamo da espiritualidade intuitiva musical, para poder... O tempo sabe o tempo certo. A minha nova guru Kátia e Katita, são duas guruzitas.

E assim eu quero agradecer a todos vocês. Agradecer a Tenile pelo belíssimo filme-documentário, e tem sido também uma irmã, quase uma neta, mas não é neta, e que tem bebido dessa minha convivência, e eu bebido também da experiência dela. Agradecer ao pessoal do Cimemo, que é minha família espiritual, Xangô Arolê Minazô Didê. Aganju! (Palmas) Minha família espiritual, sendo eu descendente do Bogun, porque o meu orientador era Vicente Paula dos Santos, do Ogun Tolu. E sobretudo meu

amigo Coió, Clóvis Caribé, esse amigo que tem se mostrado, pronto, não vou falar muito. As coisas por si acontecem.

Obrigado, Coió; obrigado a todos vocês; obrigado, Marcelino Galo. (Palmas) Considero o dia que eu te conheci, que foi numa atividade promovida pelo Bira Gordo, que foi quando veio o primeiro documento para o Quilombo do Kaonge tomar posse no 25 de junho. Nessa época, Marcelino era do Incra, superintendente do Incra. Lá se vão anos. Muita chuva desceu!

Mas eu queria deixar uma mensagem: estamos vivendo tempos terríveis e difíceis, mas sempre os tempos foram terríveis e difíceis. Temos de acreditar que esse Brasil é nosso, assim como minha vida é minha, a vida de vocês é de vocês. Não deixemos que ninguém nos faça esquecer que isso pertence aos brasileiros, não pertence a uma ideologia, não pertence a um mando temporal. E quem errou e teve uma má iniciativa... Errar é humano, há tempo de vocês pensarem como tem de pensar e lembrar do 25 de abril.

Gôndola, terra morena, terra da fraternidade. O povo é quem mais ordena dentro da sua cidade. O povo tem que se assumir com o que quer. O povo não tem que ficar tímido. Civilizadamente, o povo tem de se pronunciar.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Viva o comendador Mateus Aleluia! Aleluia, Mateus!

Agora nós vamos encerrar, mas logo depois vamos ouvir a apresentação do samba Esmola Cantada.

Agradeço a presença de todos os civis, amigos e familiares do homenageado, das senhoras e senhores deputados, da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão.

Viva Mateus Aleluia!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra